

# O ELOGIO DA LITERATURA

## Obras de Zygmunt Bauman:

- 44 cartas do mundo líquido moderno
- Amor líquido
- Aprendendo a pensar com a sociologia
- A arte da vida
- Babel
- Bauman sobre Bauman
- Capitalismo parasitário
- Cegueira moral
- Comunidade
- Confiança e medo na cidade
- A cultura no mundo líquido moderno
- Danos colaterais
- O elogio da literatura
- Em busca da política
- Ensaios sobre o conceito de cultura
- Estado de crise
- Estranhos à nossa porta
- A ética é possível num mundo de consumidores?
- Europa
- Globalização: as consequências humanas
- Identidade
- A individualidade numa época de incertezas
- Isto não é um diário
- Legisladores e intérpretes
- Mal líquido
- O mal-estar da pós-modernidade
- Medo líquido
- Modernidade e ambivalência
- Modernidade e Holocausto
- Modernidade líquida
- Nascidos em tempos líquidos
- Para que serve a sociologia?
- O retorno do pêndulo
- Retrotopia
- A riqueza de poucos beneficia todos nós?
- Sobre educação e juventude
- A sociedade individualizada
- Tempos líquidos
- Vida a crédito
- Vida em fragmentos
- Vida líquida
- Vida para consumo
- Vidas desperdiçadas
- Vigilância líquida

Zygmunt Bauman  
Riccardo Mazzeo

# O ELOGIO DA LITERATURA

*Tradução:*  
Renato Aguiar



Título original:  
*In Praise of Literature*

Tradução autorizada da primeira edição inglesa,  
publicada em 2016 por Polity Press,  
de Londres, Inglaterra

Copyright © 2016, Zygmunt Bauman e Riccardo Mazzeo

Copyright da edição em língua portuguesa © 2020:  
Jorge Zahar Editor Ltda.  
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1ª | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ  
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787  
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.  
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo  
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

A editora não se responsabiliza por links ou sites aqui indicados,  
nem pode garantir que eles continuarão ativos e/ou adequados,  
salvo os que forem propriedade da Zahar.

Preparação: Angela Ramalho Vianna  
Revisão: Eduardo Monteiro, Carolina Sampaio  
Capa: Sérgio Campante | Imagens da capa: © Mario Breda/Shutterstock.com;  
© PM Images/Getty Images

CIP-Brasil. Catalogação na publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

B341e Bauman, Zygmunt, 1925-2017  
O elogio da literatura/Zygmunt Bauman, Riccardo Mazzeo; tradu-  
ção Renato Aguiar – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Tradução de: In praise of literature  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-378-1862-6

1. Literatura e sociedade. 2. Literatura – História e crítica. I. Mazzeo,  
Riccardo. II. Aguiar, Renato. III. Título.

19-60032

CDD: 809.933552

CDU: 82.09:316.1

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439



“O ditado segundo o qual o mundo quer ser enganado tornou-se mais verdadeiro do que jamais se poderia imaginar. Como se diz agora, as pessoas não apenas se deixam enganar. Se isso lhes garantir a mais fugaz das gratificações, elas desejam o logro, o qual, entretanto, é evidente para elas. As pessoas fecham bem os olhos e, numa espécie de autodegradação, exprimem aprovação daquilo que lhes foi atribuído, plenamente conscientes do propósito para o qual ele foi elaborado. Sem admitir, elas percebem que a vida seria completamente intolerável se deixassem de se aferrar a satisfações que absolutamente não satisfazem.”

THEODOR W. ADORNO, “Cultural industry reconsidered”,  
*Culture Industry*, Londres, Routledge, 1991, p.89.

“A prática oficial de humanismo se completa acusando-se de desumanidade tudo o que é verdadeiramente humano e nada tem de oficial. Pois a crítica tira do homem seus parques haveres espirituais, removendo o véu que ele próprio considera benévolo. A ira nele incitada pela imagem desvelada é desviada para aqueles que rasgaram o véu, conforme a hipótese de Helvétius, de que a verdade nunca prejudica ninguém, exceto aquele que a enuncia.”

THEODOR W. ADORNO, “Culture and administration”, *Telos*, n.37, 1978, p.106.

“Deve-se reconhecer o fato simples de que é especificamente cultural tudo aquilo que é apartado da necessidade nua e crua da vida. ... Cultura: aquilo que vai além do sistema de autopreservação da espécie. ... A sacrossanta irracionalidade da cultura.”

Ibid., p.94, 100, 97.

“Chama-se realidade material o mundo do valor de troca, [porém a cultura] se recusa a aceitar a dominação deste mundo.”

THEODOR W. ADORNO, *Minima moralia*, Londres, Verso, 1974, p.44.



## · Prefácio ·

---

O tema de nossa conversa, entabulada em forma de cartas e reproduzida a seguir, é uma questão reconhecidamente (e, segundo alguns, “essencialmente”) contestada: a relação entre literatura (e artes em geral) e sociologia (ou, de modo mais genérico, um ramo das ciências humanas que reivindica o status de ciência).

Tanto a literatura – e as outras artes – quanto a sociologia são partes integrantes da cultura; as avaliações de Theodore W. Adorno citadas nas epígrafes sobre a natureza e o papel da cultura – “aquilo que vai além do sistema de autopreservação da espécie” ao “rasgar o véu” que os beneficiários prospectivos de cultura, por autoengano, talvez considerem benévolo – se aplicam às duas em igual medida. Ainda assim, julgamos que literatura e sociologia estão mais intimamente vinculadas e cooperam uma com a outra de forma mais estreita do que em geral acontece com os vários tipos de produtos culturais, e decerto muito mais do que sugeriria sua separação administrativamente motivada e imposta.

Nós buscamos argumentar e demonstrar que a literatura e a sociologia compartilham o campo que exploram, seu tema e seus tópicos – assim como (ao menos num grau substantivo) sua vocação e seu impacto social. Como um de nós mencio-



nou ao tentar esclarecer a natureza de seu parentesco e cooperação, literatura e sociologia são “complementares, mutuamente suplementares e reciprocamente enriquecedoras. Não estão de forma alguma em competição, ... muito menos em desacordo ou oposição. De maneira consciente ou não, deliberada ou desapaixonadamente, ambas miram o mesmo objetivo; poder-se-ia dizer que ‘pertencem ao mesmo ramo de negócios’”.<sup>1</sup> É por isso que, se você for um sociólogo tentando deslindar o mistério da condição humana e rasgar o véu de preconceitos e equívocos insinuados ou urdidos, “se você procura a verdade da ‘vida real’, e não a ‘verdade’ sobrecarregada com o duvidoso e presunçoso ‘saber’ de homúnculos nascidos e criados em tubos de ensaio, dificilmente poderia fazer melhor escolha que colher as sugestões de gente como Franz Kafka, Robert Musil, Georges Perec, Milan Kundera ou Michel Houellebecq”. Literatura e sociologia alimentam uma à outra. Elas também cooperam ao esboçar os horizontes cognitivos uma da outra e ajudar a corrigir as confusões e os descuidos ocasionais uma da outra.

Não obstante, o que tínhamos em mente ao conduzir nosso intercâmbio não era compor mais uma reconstrução da longa crônica das eruditas opiniões provisórias sobre a relação multifacetada entre artes e ciências humanas/sociais, nem fazer um instantâneo de seu estágio presente. Conduzidas e registradas a partir da perspectiva de interesses e cuidados sobretudo sociológicos, nossas conversas não são um exercício de teoria da literatura – e muito menos uma reconstrução de sua longa e rica história. Em vez disso, tentamos apresentar essa relação em ato: rastrear, observar e documentar as aspirações compartilhadas, as inspirações múltiplas e o intercâmbio desses dois tipos de inquirição sobre a condição humana – modos humanos de estar no mundo completados por suas alegrias e tristezas, potenciais humanos desdobrados bem como negligenciados ou desperdiçados, perspectivas e esperanças, expectativas e frustrações. Tanto a literatura quanto a sociologia fazem tudo isso (pelo menos tentam fazê-lo,

e com toda a certeza são chamadas a continuar tentando) – ao mesmo tempo que desdobram estratégias, ferramentas e métodos distintos, ainda que mutuamente complementares.

Classificar e arquivar a literatura entre as artes, enquanto a sociologia luta energicamente – embora com sucesso incerto – para ser classificada e arquivada entre as ciências é algo fadado a deixar uma marca profunda nas visões comuns de seu relacionamento recíproco – bem como nas prioridades de seus praticantes. Por essa razão, estabelecer fronteiras tem chamado mais atenção de ambos os lados da suposta divisão do que construir pontes e facilitar o trânsito transfronteiriço (o que, em nossa opinião, resulta para ambos os lados em muito mais prejuízo que benefício), embora a tarefa de controlar carteiras de identidade obrigatórias exija em geral incomparavelmente mais atenção e dedicação que emitir (uns raros) documentos de viagem – como se para confirmar a observação de Frederick Barth de que, em vez de estabelecer fronteiras por causa da presença de diferenças, procuram-se e inventam-se diferenças avidamente, pois é imperativo estabelecer fronteiras.<sup>2</sup> Cada qual das duas classes justapostas de produtos culturais estabelece exigências duras para todos os que postulam inclusão; prescrições e proscricções rigorosas, rigidamente controladas e onerosas são codificadas a fim de guardar a identidade única e a soberania territorial de cada entidade. Na escala de conformidade às regras, as barras tendem a ser colocadas em altura desencorajadoramente alta para afastar candidatos não disciplinados o bastante, que ameacem arrastar o privilégio de classe junto com as paliçadas das fronteiras.

São múltiplas e variadas as diferenças de “métodos” e os pontos em que a literatura e a pesquisa científico-social se sentem autorizadas a anunciar ter chegado aos respectivos destinos.<sup>3</sup> Duas das diferenças, contudo, são, até onde nos dizem respeito, centrais para a distinção entre os dois modos de investigar a condição humana – embora, simultaneamente, também para sua complementaridade. Essa dualidade foi captada de maneira esplêndida por Georg Lukács já em seu estudo de 1914: “A arte

sempre diz ‘ainda assim’ para a vida. A criação de formas é a mais profunda confirmação da existência de uma dissonância. ... O romance, em contraste com outros gêneros cuja existência reside dentro da forma acabada, aparece como algo em processo de vir a ser.”<sup>4</sup> Acrescentemos que grande parte – talvez a maior parte – do estudo sociológico pertence à família desses “outros gêneros”: ele visa à completude, à finalidade e à conclusividade. Comprometido com essa tarefa, é propenso a passar por cima, relegar à margem ou eliminar do quadro como anomalia idiossincrática irrelevante tudo o que é singularmente pessoal – subjetivo – como algo peculiar, excêntrico e aberrante. Ele se empenha em deslindar o uniforme e o geral enquanto elimina o peculiar e distinto como coisa estranha e anômala. Entretanto, como insiste Lukács, o estudo sociológico não poderia ser diferente, “pois a forma exterior do romance” é “essencialmente biográfica”. E ele adverte desde logo que “a flutuação entre um sistema conceitual que nunca pode captar completamente a vida e um complexo vivo que nunca pode alcançar a completude é imanentemente utópica”.

E assim nós confrontamos, por um lado, o cenário social organicamente heteronômico e dissonante da vida individual e, por outro o esforço determinado do indivíduo para conjurar uma totalidade coesiva da vida fragmentada e uma trajetória constante de guinadas e pivôs biográficos ao estilo de um cata-vento. O primeiro induz à falácia de imputar lógica e racionalidade a uma condição ilógica e irracional; o outro incita o erro de ficar observando às escondidas uma façanha autopropelida e autodirigida, a desenrolar-se numa confusão de puxões e empurrões discrepantes e incoerentes. Um perigo é endêmico nos empreendimentos sociológicos; o outro, na escritura dos romances. Nem a sociologia nem a literatura podem dominar as respectivas ameaças por si sós. Contudo, elas podem contornar ou vencer ambas se – e somente se – unirem forças. E é precisamente a sua *diferença* que lhes dá uma chance de vitória sob o signo da *complementaridade*. Para citar a maneira – tão concisa quanto convincente – de Milan Kundera formular a questão: “O fundador da era moderna não é

somente Descartes, mas também Cervantes. ... Se é verdade que a filosofia e a ciência esqueceram o ser do homem, revela-se de forma ainda mais manifesta que, com Cervantes, formou-se uma grande arte europeia, que nada mais é que investigação sobre este ser esquecido.”<sup>5</sup> E também citaremos seu endosso sincero à assertiva de Hermann Broch, de que “a única razão de ser de um romance é descobrir o que somente um romance pode descobrir”. Nós acrescentaríamos: sem essa descoberta, a sociologia correria o risco de se tornar uma caminhante de uma perna só.

Nós acreditamos que a relação em pauta ostenta todas as marcas de uma “rivalidade de irmãs”: uma mistura de cooperação e competição que só deve ser esperada entre seres que estejam destinados a engajar-se na busca de objetivos semelhantes, embora sejam julgados, avaliados e reconhecidos, ou tenham seu reconhecimento negado, com base em tipos de resultados distintos, ainda que comparáveis. Romances e estudos sociológicos nascem da mesma curiosidade e têm propósitos cognitivos semelhantes, compartilhando parentesco e ostentando uma aparência familiar indiscutível, palpável; elas observam os avanços uma da outra com uma mistura de admiração e ciúme camarada. Escritores de romances e de textos sociológicos exploram, em última análise, o mesmo solo: a vasta experiência de estar no mundo para (citando José Saramago) “que fossem testemunho da passagem por este mundo de homens e mulheres que, pelas boas ou más razões do que tinham vivido, deixaram um sinal, uma presença, uma influência que, tendo perdurado até hoje, continuarão a deixar marcadas as gerações vindouras”.<sup>6</sup> Escritores de romances e escritores de textos sociológicos habitam uma mesma morada: no que os alemães chamam de *die Lebenswelt*, o “mundo da vida”, o mundo percebido e reciclado por seus residentes (seus “autoratores” – isto é, simultaneamente, atores e autores) como “senso comum”, remodelado na arte da vida refletida em suas práticas de vida. Conscientemente ou não, de modo deliberado ou corriqueiro, elas estão ambas engajadas numa espécie de “hermenêutica secundária (ou derivativa)”: uma reinterpretação

contínua de entidades que são resultados de interpretações precedentes – realidades formadas por esforços interpretativos da *hoi polloi* e acumulados na sua *doxa* (senso comum: ideias com que pensamos, mas pouco – se é que realmente o fazemos).

Em numerosas ocasiões no passado, os autores de romances (como outros artistas visionários) foram os primeiros a mencionar e esmiuçar mudanças de curso ou novas tendências incipientes nos desafios que seus contemporâneos enfrentavam e se esforçavam por tratar; os romancistas conseguiram localizar e captar novas deflexões num estágio em que, para a maioria dos sociólogos, elas permaneciam despercebidas ou descartadas e negligenciadas em função de sua marginalidade e atribuição manifestamente irrevogável ao status de minoria. Hoje nós testemunhamos mais uma ocasião desse tipo. Novamente na história dos tempos modernos os autores de romances se juntam a cineastas e artistas visuais na vanguarda da reflexão, do debate e da consciência públicos. Eles estão desbravando o insight sobre a nova condição de homens e mulheres na nossa sociedade de consumidores cada vez mais desregulamentada, atomizada e privatizada: gente que padece sob a tirania do momento, condenada a levar uma vida apressada e inquieta e a aderir ao culto da novidade. Eles exploram e retratam alegrias transitórias e depressões duradouras, medos, indignação, dissidência e tentativas rudimentares mais ou menos sinceras de resistência – as quais acabam em vitórias parciais ou derrotas ostensivas (embora oxalá temporárias). Despertada, inspirada e estimulada por eles, a sociologia busca arduamente reciclar os insights deles, torná-los afirmações autorizadas baseadas em pesquisa *sine ira et studio* (“sem ira nem fervor”) sistemática. O estudo da carreira desses processos nos serve como chave para deslindar o padrão da relação e da interdependência recíproca entre as duas culturas, artística e científica – bem como estimar o grau ao qual cada um dos dois parceiros de negócio deve seu progresso ao incentivo, esclarecimento, estímulo e ânimo recebido do outro.

Para concluir a mensagem que nós, conversadores profissionais, buscamos comunicar: escritores de romances e escritores de textos sociológicos podem explorar este mundo a partir de perspectivas diferentes, buscando e produzindo tipos diferentes de “dados” – não obstante, seus produtos ostentam indiscutivelmente marcas de origem compartilhada. Eles alimentam um ao outro e dependem um do outro em sua agenda, nas suas descobertas e no conteúdo de suas mensagens; eles só revelam a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade da condição humana quando estão na companhia um do outro, quando permanecem atentos às descobertas um do outro e se engajam em diálogo contínuo. Somente juntos eles podem se elevar à altura da tarefa desafiadora de deslindar e desnudar o enredamento complexo entre biografia e história, bem como entre indivíduo e sociedade: essa totalidade que nós moldamos diariamente ao mesmo tempo que somos moldados por ela.

Z.B. e R.M.



## As duas irmãs

**RICCARDO MAZZEO:** Você enunciou claramente por que a literatura é tão importante para a sociologia, a ponto de considerar que as duas disciplinas são “irmãs”: ambas estão sem dúvida dispostas a rasgar constantemente seu véu de pré-interpretação<sup>1</sup> – segundo Milan Kundera –, como vimos em *Dom Quixote*, de Cervantes.

Para cuidar da complexidade e da infinita variedade da experiência humana tal como é intimamente percebida e vivida, os indivíduos não podem ser reduzidos a homúnculos, identificados e descritos como modelos e estatísticas, como dados e fatos objetivos. A natureza da literatura é em si ambivalente, metafórica e metonímica. Ela é capaz de expressar solidez e fluidez, assim como homogeneidade e pluralidade, a natureza suave e mesmo “pungente, áspera e friável”<sup>2</sup> de nossa existência. Não só nós carecemos das palavras para dizer quem somos e o que queremos, mas também somos alimentados a colheradas, fartados e saturados de palavras que são tão vazias e sem vida quanto cintilantemente atraentes e sedutoras – as palavras ubíquas que são repetidas pelas sereias da celebridade, usadas por novos dispositivos hi-tech extraordinários e os últimos produtos irresistíveis imprescindíveis, os quais nos autorizam a tomar nosso lugar na sociedade, conforme esperado.



E assim, “se você deseja cooperar com seus leitores em sua ânsia (consciente ou não) de encontrar a verdade de seu próprio modo de ser e estar no mundo e aprender sobre as alternativas que permanecem inexploradas, desprezadas, negligenciadas ou ocultas”,<sup>3</sup> é essencial que a sociologia e a literatura trabalhem juntas para aumentar nossa capacidade de avaliar e revelar a autenticidade que é obscurecida pelos véus que nos cercam e para sustentar a liberdade de ir ao encontro de nossas necessidades.

Eu estive pensando em chamar essa nova série de conversas de *A irmã literatura* (mesmo que o título venha a ser *O elogio da literatura* – feitas as contas, não tão diferente de minha ideia original) em reconhecimento às considerações de seu último livro, cujo objetivo é resumido acima e está no âmago de todo o seu trabalho sociológico, sempre nutrido pela literatura. Também é um título parcialmente inspirado em dois livros escritos por amigos meus que tentaram, por caminhos diferentes, demonstrar como a literatura é extraordinária em sua capacidade de interpretar nossas existências e os acontecimentos de nossa época que vivenciamos juntos.<sup>4</sup>

Naturalmente, a ideia do título original também em parte se deve à minha própria inclinação, pois há muito tempo me graduei com uma tese sobre Édipo em Marcel Proust e quis ir a Paris estudar com Lacan. Eu comecei a conhecer e a gostar do seu trabalho no início dos anos 1990, para aprimorar minha consciência e minha percepção da sociedade sem perder de vista os indivíduos que a formam.

Eu gostaria, portanto, que você desse continuidade às suas reflexões sociológicas esclarecidas principalmente como autor narrativo, claro, mas também usando a psicanálise e outras ciências humanas, pois as partições que dividem essas disciplinas nada têm de impenetráveis.

Em seu livro mais recente, *Para que serve a sociologia?*,<sup>5</sup> desde o primeiro capítulo você se esforça para sublinhar a importância primária de usar as palavras certas para descrever a realidade. Por exemplo, você observa que, em seu modo distinto de olhar para a sociologia como uma conversa com a experiência humana, a língua inglesa é um obstáculo, pois não tem duas palavras diferentes para

descrever “experiência”. Elas existem em alemão: *Erfahrung*, significando os aspectos objetivos da experiência, e *Erlebnis*, que significa os aspectos subjetivos da experiência.

A tarefa de um sociólogo com a imaginação necessária para cumpri-la é expandir o alcance de *Erlebnisse* e atrair as pessoas para fora de suas conchas (“como barcos na garrafa/ elas em sua melodia”, usando as palavras de Mario Luzi)<sup>6</sup> para que compreendam que muitas das experiências vividas individualmente, como se fossem únicas, são na verdade produzidas socialmente e podem ser manipuladas (substituindo “com o objetivo de” por “em decorrência de”). O sociólogo ou a socióloga têm de expandir seu escopo, submetendo *Erfahrungen* a avaliação semelhante. Essas experiências objetivas são como o mercado, que, J.M. Coetzee esclarece, não foi feito por Deus nem pelo Espírito da História, mas, antes, por nós seres humanos; conseqüentemente, é possível “desfazê-lo e refazê-lo de maneira mais aceitável”.<sup>7</sup> Essas experiências podem elas mesmas ser mudadas ao assumirmos uma atitude mais crítica e um papel mais ativo. Às vezes, tudo pode encontrar inspiração numa compreensão autêntica das palavras que usamos para descrever nossa vida e o mundo que nos cerca.

Eu tenho a impressão de que as palavras estão sob pressão crescente no nosso mundo líquido moderno. Como você indicou, não só o número de palavras está diminuindo, mas elas também estão sendo encurtadas e reduzidas a uma série de consoantes nas mensagens eletrônicas que agora são o veículo de comunicação dominante. Porém, mesmo as palavras que continuam a ser pronunciadas inteiras tendem a ser absorvidas em áreas menores e escolhidas por razões hedonístico-emocionais. Zapeando pelos canais voltados para jovens na TV, como MTV, M20 e DJ Television, os aspectos visuais mais surpreendentes são as imagens de corpos seminus, homens e mulheres, representando escrupulosamente a variedade de grupos étnicos, para garantir que a folha de parreira da correção política seja preservada. Mas o ouvido é ferido pela repetição incessante de poucas palavras-chave: festa, dança, sexo, noite, diversão. A música pop sempre girou em torno de descrições do amor, predomnan-

temente de tipo infeliz, de modo que pessoas comuns possam se identificar com facilidade com letras comuns. Qualquer alienígena assistindo à TV para “jovens” hoje e observando as cenas pensaria que os terráqueos nada mais fazem além de dançar, se embriagar e fazer sexo, principalmente à noite, num frenesi desenfreado e aparratoso. Obviamente, se você considerar a natureza precária da vida de nossas crianças, e a escassez de oportunidades oferecidas, a evidência propiciada pela TV é pior do que antífrase, é completamente enganadora.

O vocabulário jovem foi impregnado por uma doença igualmente perigosa: a propagação implacável de frases simplificadas até o osso, ready-made, de modo que todos possam cantá-las ou decifrá-las, mesmo quando seu conhecimento do inglês é muito modesto. Seria certamente um desenvolvimento positivo se todos os não anglófonos fossem capazes de dominar o vocabulário básico daquela que se tornou a “língua da comunicação”, mas a terminologia nas letras dessas canções é mais que apenas básica, é criteriosamente restrita e ressecada a ponto de tornar-se uma espécie de grau zero de verbalização, o qual é tão monótono quanto compartimentalizado, com palavras desenhadas para penetrar o tecido mental da garotada, invadir sua imaginação, colonizar seus gostos e preferências e ditar a direção do seu prazer ou divertimento. Já há alguns meses, sempre que uma nova canção é lançada – como “Roar”, de Katy Perry, ou “Bonfire Heart”, de James Blunt –, durante várias semanas o vídeo só mostra a letra das músicas, e não as imagens. Isso para garantir uma experiência de karaokê, assegurando que todos possam aprendê-la rápida e facilmente. Uma vez que as letras foram aprendidas, só depois disso é que a animada barragem verbal de banalidade dá lugar às imagens, que contêm graus variados de lubricidade e ousadia cômica em “Roar” e um motociclista bem-intencionado em “Bonfire Heart”. Além do tom subjugado e meloso das mensagens dessas canções – ou, como ocorre em outros casos, a carga erótica energética e irrestrita –, o mais impressionante é a erosão, o retraimento e a diluição da linguagem.